



Jorge Manuel de Sá – Director do Centro de Formação de Professores de Pombal (texto)

A aceitação do desafio de apresentar um depoimento que equacione uma reflexão sobre como contribuir para melhorar a educação em geral, e em maior detalhe sobre as várias dimensões da realidade educativa, é sempre uma tarefa inacabada. Contudo a nossa intenção ao fazê-lo, assenta nas principais preocupações com que os Centros de Formação por Associação de Escolas (CFAE´s) em geral lidam e se confrontam no seu dia-a-dia. Por uma questão metodológica, abordaremos respectivamente os seguintes tópicos: os CFAE´s, os Professores, a Escola, os Alunos, as Famílias e as Políticas Educativas.

Globalmente, diríamos que os progressos verificados na educação formal na segunda metade do século XX, trazendo mais crianças e jovens à escola e durante mais tempo, tiveram repercussões sobre a discussão do próprio paradigma de educação e das componentes que deveria envolver. Paulatinamente foi-se passando de uma lógica de valorização do “aprender o que era sabido” para o de “alcançar competências para saber aprender”.

Na concepção e implementação dos CFAE´s esteve a ideia de serem uma porta aberta ao diálogo, à troca de experiências, à mudança ao trabalho, em suma, à profissionalidade dos professores. Hoje estas estruturas educativas, em número que ultrapassa as duas centenas, têm reconhecido que está em marcha uma mudança de paradigma na forma de educar, de ensinar e de formar quem educa e quem ensina.

Na sequência da Estratégia de Lisboa, promovida pelo Conselho Europeu de Lisboa, em Março de 2000, foram formulados três objectivos estratégicos dos quais realçamos o objectivo que está mais directamente relacionado com a inevitável inovação na acção dos CFAE´s: Melhorar a educação e formação dos professores e formadores.

Nesse sentido, entendemos que a qualidade da educação é indissociável da qualidade da formação contínua, o que conduz à afirmação da necessidade de se pensar a formação profissional docente como elemento estratégico no centro das diversas políticas educativas e não apenas como remedeio dos problemas que surgem nos vários contextos educativos.

As principais mudanças, consideradas necessárias no desempenho Docente, situam-se em dois níveis: ao nível dos objectivos a promover na educação escolar e nível dos processos de organização do contexto e das oportunidades de aprendizagem.

Podemos com a legitimidade da experiência adquirida, questionar sobre o que deve ser ensinado aos professores actuais ou futuros, que conhecimentos, capacidades, competências, atitudes e valores devem adquirir ou desenvolver e que metodologias se devem seguir na sua formação profissional contínua.

O carácter complexo e evolutivo do papel dos professores e das respectivas tarefas torna necessário que os Docentes aprendam ao longo da sua exigente carreira profissional. É importante que os professores desenvolvam a capacidade de aprendizagem avaliando a sua própria prática e

identificando o que é prioritário melhorar.

Por outro lado, a formação contínua de professores deverá ser centrada nas Escolas, procurando responder às necessidades identificadas, quer pelos Docentes que aí exercem a sua actividade, quer pelos Órgãos de Gestão, que melhor conhecem os seus recursos humanos.

É fundamental que, a partir da sua prática, em interacção com o conhecimento baseado na investigação sobre o ensino e a aprendizagem, os professores produzam conhecimento profissional de base sobre os processos de ensinar e de aprender. Os professores precisam, assim, de ser capazes de desempenhar um papel activo nesse papel de investigadores em acção, em parcerias com Universidades e Politécnicos.

O desenvolvimento e a avaliação do projecto curricular e organizacional da escola constituem novos desafios para os professores cujo papel deixa de se confinar apenas ao trabalho na sala de aula. O desenvolvimento contextualizado dos currículos e da organização da escola exige, por seu lado, a abertura desta à comunidade local, com vista a oferecer uma educação que responda às solicitações da procura social, colaborando com os pais e com outros parceiros sociais. Além disso, na educação centrada no aluno, os recursos e as situações de aprendizagem ocorrem também nas instituições e nas empresas da comunidade. Organizar a colaboração destas fontes externas implica a constituição de parcerias com elas.

Os vários contextos de vida dos alunos, entre os quais se destaque a família, são e podem ser fonte de aprendizagem informal, o que justifica articulação entre eles e a escola. Participar na construção da autonomia das Escolas exige competências de desempenho em actividades que se situam para além das paredes da sala de aula, o que implicará a utilização sustentável dos apoios financeiros europeus na aplicação de políticas educativas adequadas.

Da institucionalização da escola pública obrigatória para todos, ao alargamento da escolaridade obrigatória, os padrões sociais e culturais que daí advieram apresentam níveis difíceis de imaginar quando a escola era apenas privilégio dos mais favorecidos.

No actual contexto de mudança e diversidade sociocultural e escolar, o desempenho social da educação exige que a formação contínua dos professores apoie não só a mudança de práticas docentes, que vá além da privilegiada dimensão didáctica, como também é necessário mudar mentalidades que ajudem a validar o paradigma da escola para todos que exige que a igualdade de oportunidades deva ser garantida tanto no acesso à escola como à saída dos subsistemas de educação e de formação.

Por fim é de referir que as políticas de formação e de aprendizagem dos professores que já se encontram em exercício são tão estratégicas como as de formação inicial. Ou melhor, torna-se imprescindível redimensionar as políticas de formação inicial e contínua numa única política coerente de formação e aprendizagem ao longo do contínuo da carreira profissional dos docentes.